

# Pedagogia da Contaminação\*

José Ortega y Gasset

O que iras ouvir não é uma aula, não é uma lição. Dia a dia cresce em mim a suspeita de que nada do que realmente mereça ser aprendido possa, de fato, ser ensinado. Por maiores que sejam os cuidados do mestre haverá sempre um último acerto, um derradeiro esclarecimento, uma última e mais saborosa gota do caldo científico ou artístico que não nos poderá ser transmitido e que teremos que conquistar com nosso próprio e doloroso esforço. E esse último acerto, essa derradeira iluminação, essa gota mais saborosa e essencial, representa tudo na ciência, na arte e na vida. As outras coisas estão aí apenas como recipiente e artifício para evitar que o valor essencial evapore e se desvaneça.

Flui por toda a pedagogia, especialmente pela contemporânea, uma triste e deselegante hipocrisia com a qual quem fez do pacto uma norma de conduta pode pactuar mas que, a um ânimo indócil, só desdém pode causar.

O que entendem nossas escolas por ensinar ciência? Despejar sobre a alma dos discípulos um lastro de doutrinas científicas já prontas ou, na melhor das hipóteses, um doutrinário já estabelecido de métodos de pesquisa. Mansa, beata labor! O essencial da ciência, porém, escapa, através de um tênue tecido, como a água de uma cesta, deixando, na alma do discípulo, exatamente o oposto da ciência: o dogmatismo. Pois o real e o concreto da ciência é a incansável atividade do intelecto que enfrenta valorosamente, perigosamente, os problemas e luta com eles em busca de uma solução. E, como ao chegarmos a essa nova solução ela fará aumentar, de forma análoga ao que ocorre quando chegamos a um cume mais alto, o círculo de problemas, essa solução irá, por sua vez, necessitar de uma correção para qual servirá apenas como ponto de apoio, da mesma forma que a terra serve de apoio ao calcanhar quando vamos iniciar um novo passo.

---

\*Texto inédito do manuscrito preparatório de uma conferência na *Escuela Superior de Magistério*, em 1917.

Quando o físico acaba de escrever a última página do seu tratado de física, já não pensa da física o que disse em seu tratado, seu pensamento já avançou em relação a aquela momentânea cristalização de seu esforço, já é problema aberto muito do que em sua obra impressa aparece como solução fechada e a proa inquieta de sua mente vivaz já está direcionada rumo a novas costas distantes e confusas. Se, sem ironia, considerarmos como ciência a ciência do livro, concluída e petrificada, estaremos considerando como ciência exatamente o oposto da ciência verdadeira que não é feita de conclusões, que é a ação intelectualmente fluida em perpétua superação de si mesma. A ciência flui, através dos livros de ciências, como flui um rio, líquido e móvel, põe seu leito sólido e quieto. O que se ensina nas escolas modernas de todo o mundo é ciência congelada, imobilizada, superada, dogmatizada — um leito seco e estéril por onde não transitam as gotas essenciais. Devemos dar graças ao fato de sempre ter havido homens que, apesar da escola e, as vezes, fora da escola, foram capazes de sentir brotar dentro de si a curiosidade científica.

Espero não encontrar a objeção de que a escola moderna pretende ensinar, mais do que um sistema doutrinário, os métodos da pesquisa científica e portanto, a fazer ciência. Esse tópico contemporâneo é uma puerilidade: os métodos de pesquisa não são mais que resultados do sistema de doutrinas da ciência e somente no interior dela fazem sentido. Ao variar os princípios da doutrina, variam os métodos de pesquisa. Sua aparência impessoal, automática e imparcial leva a pensar que muitos trabalhadores se considerem dispensados de entender o que é a ciência e ao fazer funcionar seus equipamentos percam sua vida em vão como abelhas alojadas em alvéolos de uma colmeia inexistente.

Veis pois que da pedagogia em uso escapa volatilizado o conteúdo essencial da ciência, isto é, o mover do pensamento fluando numa atmosfera de problemas. Com toda finura repete-se na história intelectual a metáfora do caçador, símbolo do cientista: *θηρευτης* segundo Platão; *venator* segundo São Thomás. A ciência não é tarefa tranquila que pode se fazer abrigado em uma doutrina conhecida. Ciência aprendida, *contadictio*: quem deseja, à sério, a dignidade de cientista tem que ostentar o valor permanentemente em intempérie espiritual, como um bom caçador.

O fato de que a sociedade contemporânea pareça, em todo o mundo, tão satisfeita com os centros de ensino superior, apesar de não se ensinar neles o que faz da ciência, ciência, revela simplesmente, dito

sem hipocrisias, que a ciência não interessa a sociedade contemporânea e ela nem mesmo sabe o que é isso. Queremos receita e não sabedoria: receitas para fabricar veículos de locomoção, alcaloides e soros. Quando falam de cultura devemos entender conforto: progresso na rapidez dos veículos e no alívio das dores corporais. Dir-me-eis que sempre foi assim, que o mostro de mil cabeças que chamamos “gente” tem sido sempre cego e surdo para todo o essencial da vida e só deseja o que atenda bem ao milhão de faces do milhão de cabeças. Isso é correto; porém em outras épocas essa gente não exercia o papel de protagonista que tem em nosso tempo, vivia mais ou menos relegada a um segundo plano e permitia que sobre a Europa ressonasse a voz da opinião seleta, abafada hoje pelo torrencial alarido da opinião pública.

É inevitável e até justo que a opinião pública, para quem a ciência real não tem existência, peça somente receitas, porém essa preocupação em informar e administrar o ensino trouxe e ainda trará consigo uma minguada do verdadeiro potencial da ciência e chegará uma hora em que nem mais receitas haverá. Provavelmente em nenhuma outra época se tenha falado tanto em ciência como na nossa; por isso é peremptório chamar a atenção para o fato de que a ciência que essa gente fala e se interessa não é a ciência como saber, é a ciência petrificada, materializada em utilidade. Tempos atrás se falava muito menos em ciência porém os que falavam sabiam o que estavam falando e ninguém abusava do significado equívoco dessa palavra para fingir-se interessado no que ou lhe era indiferente ou odioso. Hipocrisias dessa índole são características da consciência contemporânea e é conveniente de tempos em tempos delatá-las. O que sabe e até mesmo o que importa ao bom burguês ou ao bom operário o *saber*, esse drama sutil e permanente do intelecto que vive sempre duvidando de si mesmo, em luta sem trégua, de maneira que fixar-se a uma conclusão ou a uma doutrina é perecer? Quando vejo um desses homens com um livro na mão — dizia Leonardo — tenho a expectativa que façam como os macacos que “*se lo mettino al naso e si demandan se sia cosa mangiativa*”.<sup>1</sup>

Pois bem. Onde haverá lugar na pedagogia contemporânea, que pretende mecanizar o ensino como afirma seu clássico Pestalozzi, para ensinar isso que não pode ser ensinado mecanicamente, essa realidade única da ciência que é a trágica atitude do pensamento criando-se a si mesmo em crudelíssimo esforço e negando-se a recebê-lo por herança, tradição ou autoridade?

---

<sup>1</sup>“que o levem ao nariz para ver se é coisa de comer” (N. T.)

Onde mais claramente se vê a incapacidade de nossa educação é no domínio da arte. Diante da arte, a opinião pública é mais sincera. Sendo a arte tão evidentemente inútil, a opinião pública a declara absolutamente supérflua. Mais por inércia do que por qualquer outra razão deixa que as academias e instituições artísticas sobrevivam e, nos centros de ensino, deixa que se desenvolvam a história da literatura e das artes. Existe porém algum lugar onde se ensine, mesmo remotamente a sublime emoção estética?

Não se ensina nem a usufruir nem a criar arte pois nenhuma dessas delicadas funções humanas pode ser ensinada de maneira mecânica. Ser artista é fazer a alma soar em uma modulação original nunca antes ouvida: é libertar-se heroicamente dos estilos usados e ensaiar alguns novos, em resumo, adicionar um elemento inesperado à flauta de Pan capríforme.

As escolas nos prometem ensinar moral, isto é, ensinar-nos a viver. No entanto, a vida faz em cada indivíduo o ensaio de uma nova figura e fisionomia de homem. Hebbel costumava dizer: eu vivo, isto é, me diferencio de todos os outros. Cada um de nós é um projeto, um gérmen de personalidade única, com intenções próprias, desejos únicos, necessidades incomparáveis e deveres originais. E o mestre só nos pode ensinar maneiras lógicas, gostos genéricos, ideais e deveres vagos; irá somente desvirtuar nossas possibilidades habituando-nos a repercutir a vida de outros, a ser espectros e sombras de outros; portanto pode somente nos ensinar a enterrarmos nossa vida pessoal própria, a destruí-la. Quantos se-ão os afortunados que ao sair dos anos de educação levam cravada em sua consciência a ideia de que fortes ou fracos, mais dotados ou menos dotados, encerram em seu ser a delicadíssima possibilidade de algo novo, belo e fecundo e que sua vida deve ser para eles o mais harmonioso espetáculo e o mais valoroso experimento? Pensai na enorme quantidade de energias individuais que são perdidas pela humanidade, desperdiçadas e paralisadas, por pretenderem os pedagogos do gosto usual, ensinar aos homens moral, isto é, como cada um deve viver.

Veis pois que essas três coisas supremas: ciência, arte e moral não podem ser ensinadas mecanicamente, como se pretende, e que se a opinião pública está satisfeita com o que se ensina é porque a opinião pública fica apenas com essas três palavras e renuncia de antemão os conceitos que elas encerram. Basta um mínimo desvio para que essas sutis realidades se transformem em seus contrários ou pelo menos em

vocábulos côncavos e ocos. É tão fácil a impostura!

As palavras, senhores, são bolhazinhas místicas e incorpóreas que se desprendem do interior da alma e, às vezes, a vibração do ar as rompe liberando seu licor.

Não me parece que haveria nenhum mal se o bom burguês, o bom trabalhador, o bom advogado e o bom médico, o bom industrial e o bom político jamais falassem da ciência, da arte, da moral, em resumo, da cultura. Nada mal me pareceria; me pareceria até mesmo proveitoso. O mal, o grave o que pode fazer correr perigo o seu futuro é que se falsifique o seu significado, que se a desvirtue e a defraude. Tem direito a dizer isso todo homem consciente que haja assistido aos primeiros tempos desta guerra quando uma cortina de fogo se espalhava até incendiar toda a linha do horizonte. E não, certamente pela própria guerra que é ao contrário uma profunda realidade e portanto um gigantesco problema da cultura, mas pelo que todos os dias tínhamos que ler em todos os jornais e ouvir de quase todos os lábios, aquela hipócrita surpresa de que a Europa culta se lançasse ao campo de batalha, aquelas lamentações sobre o fracasso da cultura. No entanto, se alguma dúvida se tinha, então se tornou manifesto até que ponto era fictícia a adesão à cultura, até que ponto a consciência pública desconhece o sentido desta. Viu-se então que a ideia que o europeu médio tem da cultura é que ela é algo que não conhecemos bem e que a adquirimos, de uma vez para sempre, como uma dessas receitas técnicas ou preceitos artísticos ou ainda práticas morais a que me referia anteriormente, algo que se recebe de fora e que podemos guardar no bolso não se necessitando, para conservá-la, um esforço sem trégua.

O homem verdadeiramente culto, diante de um fenômeno como a guerra ou de outra emergência grave em que se patenteie algum cruel defeito ou insuficiência da vida, sente aumentar sua fé na cultura, vê, com maior lucidez que nunca, o seu sentido e a sua radiante necessidade. Porque dar-se conta de um problema novo ou do recrudescer de um problema antigo é, por sua vez, dar-se conta de uma nova tarefa para o espírito, da necessidade de se procurar uma nova solução. A pedra não é inculca por não acertar na solução dos problemas mas sim por não ter consciência deles.

Os princípios de Galileu e de Newton, fundamentos últimos da ciência natural moderna, hoje solapados por todos os lados, ameaçam cair por terra ruidosamente. A democracia, ideia básica em que se apoia transitoriamente o perene anelo de justiça política, prisioneira

de inúmeras objeções que não consegue transpor, se encontra a ponto de capitular. Não é improvável que nós, que não somos muito velhos, venhamos a presenciar as quedas da física de Newton e Galileu e da democracia de Rousseau e Robespierre. Será que no dia em que isso acontecer, nos ocorrerá falar em fracasso da cultura? Terão essas idéias sucumbido vítimas de alguma catástrofe telúrica ou o seu desaparecimento se deverá a falta de uma visão mais ampla e mais adequada dos problemas que, a sua hora, elas pretenderam resolver — e portanto — de uma sensibilidade mais fina dos problemas e da exigência de uma maior precisão em resolvê-los — e portanto — de um novo triunfo da cultura? A cultura só se rende a uma cultura melhor que ela e da qual se possa dizer o que diz o poeta Shelley a sua amada: amiga, sois meu melhor eu.

Se a opinião pública europeia, em razão da guerra, ulula o fracasso da cultura é que, por ela, entende a supressão dos problemas e portanto o oposto da cultura (com c ou com k, como se queira, porque agora não tenho nem tempo nem o mau gosto de me entreter com esses jogo de palavras sobretudo com um tão pouco espirituoso que foi inventado e usado por Tolstoi a muitos decênios num momento em que se esqueceu da elegância da sua alma). O bom filisteu não quer a inquietação das questões e quando pede cultura devemos entender que está pedindo para voltar a ser pedra.

Não tenhamos ilusões: falta à nossa época a consciência da cultura, isto é, daquilo que em aparência mais a envaidece. Contribuiu para isso a expansão democrática do ensino, que se preocupando mais em estender o uso do vocabulário do que em se intensificar e purificar, em uma minoria seleta, a consciência das idéias. Em virtude disso aumentou-se o número de médicos, de engenheiros, de advogados, de técnicos, de leitores de jornais, ficando de fora, os homens cultos. Causa última, sintoma definitivo desta míngua é padecer nossa época de uma forma específica de incultura, exatamente o desconhecimento daquelas meditações em que se esclarece o sentido da cultura e, em consequência, o sentido da vida humana: é a incultura do médico sábio, do engenheiro sábio, do jurista sábio, a ignorância que o sábio do especial tem do geral. No período que vai do século X até nossos dias o século XIX é a época que se caracteriza por sua incultura filosófica, é o século da especialização. A filosofia, senhores, é exatamente a consciência da cultura.

Por isso convém que, de quando em quando, falemos da filosofia, apenas falemos dela, pois a filosofia, além de ser a ciência mais sutil, é

a que menos pode ser ensinada. A filosofia, senhores, não se ensina; a filosofia, na melhor das hipóteses, se contamina. Em contraste com a pedagogia mecanizada, coloco como única, verdadeira e, sem hipocrisias, a *pedagogia da contaminação*. Não pretendo, portanto, ensinar-lhes nada de filosofia e terei feito tudo se conseguir seduzi-los a ela.

Como a gota vai arrastada pela turbulência do rio, vai cada um de nós submerso nessa coisa imensa, turva e rápida que é a vida. Não é oportuno que, de quando em quando, tentemos levantar a cabeça sobre o caudal e ver para onde o rio nos leva? No começo de sua *Ética*, diz Aristóteles com muita beleza: busca o arqueiro um alvo para suas flechas. Não necessitamos também de um para nossas vidas?

Espírito significa precisamente a serenidade que nos faz, em meio ao torvelinho vital da multidão de desejos fragmentados, de amarguras, de exultações, manter uma direção, um sentido que orienta e qualifica toda essa turbulência.

A maior parte dos homens vive atenta apenas ao pequeno negócio, ao interesse que tem diante de si: se os deixássemos a sós a vida teria neles cada vez menos pulsações. O pequeno negócio seria cada vez mais, pequeno negócio: o campo visual, cada vez mais fechado e os corações, cada vez mais estreitos. Por isso, é a missão do intelectual e sobretudo do filósofo, proclamar fervorosamente, exasperadamente, a obrigação do esforço espiritual que dilata as almas e potencializa a vida. Diante do homem utilitário terá ele que adotar uma absurda atitude de desinteresse e viver como fogo consumindo-se a si próprio.

Esta tem que ser a atitude do filósofo e, por isso, quando aparece um verdadeiro filósofo a humanidade o sente como uma verdadeira ferroada.

Nem é preciso dizer que não pretendo ser esse verdadeiro filósofo, nem mesmo um filósofo qualquer. Somente por uma obrigação administrativa carrego o título de professor de metafísica, uma coisa que não conheço bem e que, mesmo quando bem conhecida, não pode, a rigor, ser ensinada. Convido-os pois a se juntar a mim em não levar a sério este meu encargo administrativo.

Minha pretensão é incomparavelmente mais modesta: contentar-me-ia em andar ao lado de almas mais acomodadas que a minha e introduzir-lhes fermentos de dúvida, ambição e esperança. Haveréis notado que, ao estarmos na borda de um lago de águas paradas e observarmos a superfície imóvel, polida e indiferente, onde se refletem nuvens viajantes — nuvens de abril, redondas e barocas — se apo-

dera de nós uma inquietação e um desejo de romper esse polimento e essa calma fictícia que ocultam a vida efervescente no fundo lodoso. E, sem nos darmos conta, nossa mão apanha uma pedrinha e a atira na água cujo cristal se quebra e vibra, trêmulo e vivo, deixando escapar borbulhos que sobem do fundo como suspiros. Feito isso, nos afastamos ingenuamente satisfeitos. Agradar-me-ia fazer algo, não menos ingênuo, com as almas demasiadamente acomodadas — minhas pretensões, como veis, se esgotam ao chegar a ser um professor de atirar pedrinhas em águas paradas.

\* \* \*

Tipografado em L<sup>A</sup>T<sub>E</sub>X; sendo que a fonte utilizada no miolo é Adobe® Newbaskerville.